



La Comédiathèque

OS NÁUFRAGOS DO COSTA MUCHO

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Os Náufragos do Costa Mucho

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A vida é um cruzeiro... que mais cedo ou mais tarde termina em naufrágio.

Personagens:

Cristina

Pedro

© La Comédiathèque

Dia 1

Ouvem-se as ondas e as gaivotas. À medida que o ruído de fundo diminui, a luz cresce progressivamente. Vê-se um ilhéu. Algumas rochas. Um pouco de areia. Duas pequenas palmeiras. Uma bóia "Costa Mucho". Alguns objetos espalhados, alguns deles escondidos atrás das rochas, outros na areia. Um homem e uma mulher em trajes de verão estão deitados inconscientes no chão, ele com um estilo mais popular e ela mais sofisticada. O som de um telemóvel é ouvido. O homem acorda. O telemóvel para de tocar. Ele olha ao redor, parecendo não saber onde está. Levanta-se e contorna a ilha, desaparecendo de um lado da rocha e reaparecendo do outro lado. Ainda desorientado, vê o telemóvel na areia e apanha-o. Olha para ele, surpreendido, e marca um número.

Pedro – Sim, Isabel, sou eu. Escuta... Acabei de acordar e... Não entendo... Estou numa espécie de... praia. Não sei se... Tínhamos planeado uma paragem ou... Mas onde estás tu? Escuta, assim que ouvires isto, liga-me, está bem?

Deixa o telemóvel e vê a mulher ainda deitada na areia, como se estivesse a dormir. Ele olha para ela, perplexo.

Pedro – Desculpe por incomodá-la... (*Elevando a voz*) Oi, está a ouvir-me? (*Ela ainda não reage, e ele abana-a*) Olá, acorde! Não acredito, ela está completamente bêbada. Ou talvez esteja morta...

Olha novamente à sua volta. Dá a volta à ilha mais uma vez. Enquanto desaparece atrás da rocha, a mulher acorda e levanta-se, atordoada. O homem reaparece e encontra-se cara a cara com ela. Ele assusta-se.

Pedro – Caramba! Assustou-me...

Cristina – Ah, sim...?

Pedro – Por acaso, não viu a minha mulher?

Cristina – A sua mulher?

Pedro – Sim, a minha mulher. Isabel.

Cristina lança um olhar à sua volta.

Cristina – Mas onde estamos?

Pedro – Parece que estamos numa ilha. Bem, mais propriamente num ilhéu.

Cristina – Um ilhéu?

Pedro – Um ilhéu. Uma ilha pequena.

Cristina – Eu sei muito bem o que é um ilhéu.

Pedro – Então, porque é que pergunta? Eu diria até... uma ilha deserta.

Cristina – Já viu alguém?

Pedro – Como acabei de lhe dizer, é uma ilha deserta! Além de você, não vi ninguém...

Cristina – Mas o que estamos a fazer aqui?

Pedro – Esperava que você me pudesse dizer um pouco...

Cristina olha para Pedro.

Cristina – Já nos vimos antes, não já?

Pedro – Tem a certeza?

Cristina – Você também estava a bordo do Costa Mucho, não estava?

Pedro – Sim... Íamos fazer um cruzeiro com a minha mulher, para celebrar o nosso aniversário de casamento. Bem, era mais uma ideia da Isabel, porque eu, cruzeiros, na verdade...

Cristina – Isso mesmo, lembro-me dela perfeitamente... Uma mulher mais gordinha, com uma blusa laranja muito vistosa. Estava sentada à minha frente, ontem à noite, na festa do capitão.

Pedro – O tema da festa era o Halloween, mas a Isabel tinha medo de não ficar bem a vestir-se de abóbora... Por isso, limitou-se a usar uma blusa laranja...

Cristina – Exatamente, sim... O capitão convidou-me para dançar e depois... não me lembro de mais nada.

Pedro – É estranho, eu também não...

Cristina – Como chegámos aqui?

Pedro – Não faço ideia... E onde está o barco?

Cristina – Talvez esteja do outro lado.

Pedro – O outro lado?

Cristina – O outro lado da ilha!

Pedro – Dei a volta duas vezes já. E acredite em mim, isso não demora muito.

Cristina – Acha que sofremos um naufrágio?

Pedro – Um naufrágio?

Cristina – Caso contrário... por que razão nos abandonaríamos voluntariamente os dois nesta ilha?

Pedro – Não sei.

Cristina – Talvez seja um jogo... (*Lança-lhe um olhar perplexo*) Uma diversão. Para entreter os passageiros durante o cruzeiro.

Pedro – Como no "Love Island", que dizer?

Cristina – Tem a certeza de que estamos mesmo numa ilha?

Pedro – Uma rocha cercada de água por todos os lados... Como é que chama a isto?

Cristina – Não sei... Talvez seja apenas uma ilha quando a maré está alta...

Pedro – Como assim, quando a maré está alta?

Cristina – Como o Monte Saint-Michel.

Pedro – Isso não se parece em nada com o Monte Saint-Michel...

Cristina – Aconteceu-me o mesmo na Bretanha.

Pedro – O Monte Saint-Michel fica na Normandia...

Cristina – Bem, tanto faz. Com a minha mãe, fomos visitar o túmulo de Chateaubriand. Você leu as Memórias de Ultratumba, não leu?

Pedro – A senhora é professora, não é?

Cristina – De literatura francesa, sim. Como adivinhou?

Pedro – Não sei... Uma intuição...

Cristina – Enfim, fomos até lá a pé, eu e a mamã. É um lugar magnífico. Tiramos umas fotos junto ao túmulo daquele mestre da literatura francesa. Passeamos um pouco pela área. E quando decidimos voltar, percebemos que estávamos completamente cercadas pela água.

Pedro – Não me diga...

Cristina – Esquecemo-nos da maré! Tivemos que esperar quatro horas para conseguir voltar... Quatro horas, entendeu?

Pedro – Sim, quatro horas...

Cristina – O tempo que o mar leva para baixar e nos permitir voltar em terra firme a pé. Consegue imaginar?

Pedro – Sim, sim...

Cristina – Tínhamos que voltar a Paris no mesmo dia para pegar nossas malas no hotel... Quando finalmente chegamos à estação, o chefe da estação já tinha apitado a partida do comboio...

Pedro (*com ironia*) – Que aventura...

Cristina – Espero não ter que esperar quatro horas nesta ilha...

Pedro – Porquê? Tem que pegar um comboio?

Cristina – Não...

Pedro – E tudo isso por causa de um túmulo, caramba... Espero que não nos traga má sorte...

Cristina – Porquê diz isso?

Pedro – Esta ilha será o nosso túmulo se ninguém vier nos procurar!

Cristina – Já lhe disse, talvez seja a maré alta...

Pedro – Agora está a começar a incomodar-me com a maré!

Cristina – Não precisa de ficar assim. Era apenas uma hipótese...

Pedro – É uma hipótese estúpida. Além disso... e se for maré baixa?

Cristina – Não sei... Sempre tento ser otimista...

Pedro – Otimista? Sim... Porque se for maré baixa... daqui a quatro horas, não teremos outra opção senão subir a uma daquelas palmeiras...

Cristina – Elas não parecem muito grandes...

Pedro – E mais, vê alguma costa por perto?

Cristina – Não...

Pedro – Se estivéssemos numa ilha, como o Monte Saint Michel, poderíamos ver a costa.

Cristina – Tem razão...

Pedro – Estou um pouco com fome... Se ao menos tivéssemos naufragado depois do jantar...

De repente, ela olha para ele de forma suspeita.

Cristina – Não será uma armadilha?

Pedro – Uma armadilha? Para quê...?

Cristina – Para ficar sozinho comigo nesta ilha...

Pedro – Afundando um transatlântico?

Cristina – Sinto-me um pouco tonta... Ele me drogou, não foi? Isso! Ele me drogou!

Pedro – Está louca ou quê?

Cristina – Bem... Não tente me enganar. Eu sei muito bem como os homens são...

Pedro – Parece que não... Além disso, sem ofensas, não me interessa...

Cristina – Bem... Também não precisa ser rude...

Pedro – E lembro-lhe que sou casado! A propósito, falando nisso, onde está a Isabel?

De repente, Cristina fica imóvel.

Cristina – Mãe!

Pedro – Por favor! Não vai ligar para sua mãe!

Cristina – Mãe! Ela também estava a bordo do Costa Mucho!

Pedro – Ah... Desculpe...

Cristina – Meu Deus! Você acha que todos morreram?

Pedro – Todos?

Cristina – Todos os outros passageiros! Aqueles que estavam conosco neste navio...

Pedro – Não sei... Não entendo nada...

Silêncio.

Cristina – Talvez estejamos na Grécia.

Pedro – Na Grécia? Por quê na Grécia? Há cinco minutos estava a pensar na Normandia...

Cristina – Era um cruzeiro pelo Mediterrâneo, certo?

Pedro – A Grécia é maior que isso, não é?

Cristina – Há muitas ilhas na Grécia. Algumas devem ser tão pequenas assim.

Pedro – Que confusão... e não há nada para comer... Pode ser a Grécia...

Cristina – Estive lá anos atrás, com a mamã... Mas não reconheço nada.

Pedro – Bem, se estivermos na Grécia, esqueça a esperança de voltar ao continente a pé.

Cristina – E por quê?

Pedro – Porque não há marés no Mediterrâneo.

Cristina – Sim, é verdade.

Pedro – Sim. Talvez não tenha lido Chateaubriand, mas pelo menos sei muito bem que não há marés no Mediterrâneo.

Cristina – Bem, há, mas são pequenas.

Pedro – Pequenas, é?

Cristina – Pois são...

Pedro – Um naufrágio... No Costa Mucho... Não posso acreditar... Com o dinheiro que gastei neste cruzeiro maldito, caramba...

Cristina – Será que não consegue proferir uma única frase que não termine com "caramba"?

Totalmente distraído, nem a ouve.

Pedro – O quê?

Cristina – Nada... Só estava a pensar se...

Pedro – É de enlouquecer... O que diabos poderá ter acontecido, caramba?

Cristina – Não sei... No caso do Titanic, foi por causa de um iceberg.

Pedro – Não há muitos icebergs no Mediterrâneo.

Cristina – Especialmente no verão...

Pedro – Não. Poderia ser mais um recife...

Cristina – Um recife? Não sabia que havia recifes no meio do Mediterrâneo...

Pedro – Bem... Se há ilhéus como este.

Cristina olha para o mar do lado dos espectadores.

Cristina – Olhe! Talvez o navio esteja aqui embaixo, a poucos metros de profundidade. Com todos os outros passageiros...

Silêncio.

Pedro – E somos os únicos sobreviventes.

Cristina – Isso é um pesadelo. Com certeza vamos acordar.

Pedro – Pode ter sido um recife como este, mas sem palmeiras para indicar a sua presença.

Cristina – Para recifes, há mapas, não é? Mapas de rotas marítimas. Como quando se viaja de carro, há mapas que indicam onde estão as montanhas e as estradas para atravessá-las. Sem o risco de se chocar com elas...

Pedro – Mapas, não? Primeiro é preciso estudá-los e depois saber interpretá-los... Só de ver a cara do capitão... Era evidente que não podíamos confiar nele.

Cristina – Por quê?

Pedro – Parecia mais um dançarino de tango do que um velho lobo do mar...

Cristina – Bem, ele não estava vestido com uma camisa de marinheiro, não tinha barba e nem fumava cachimbo... Mas para ser capitão de um navio como o Costa Mucho... ele deve ter estudado, não?

Pedro – Oh, qualquer um hoje em dia pode comandar um petroleiro. Ele era argentino, certo?

Cristina – Italiano.

Pedro – Seja como for, antes de se tornar capitão, aposto que fez mais aulas de dança de salão do que de navegação marítima.

Cristina – Você parece um especialista em navios... A que se dedica?

Pedro – Sou caminhoneiro.

Cristina – Claro... Por isso sabe tanto sobre navegação marítima.

Pedro – Só estou tentando entender o que diabos estamos fazendo aqui.

Silêncio.

Cristina – No entanto, ele tinha classe... Com seu uniforme branco e boné de capitão... Além disso, acredite em mim, ele dançava tango muito bem!

Pedro – A famosa festa do capitão... Eles têm que entreter os passageiros... Especialmente as passageiras...

Cristina – Você tem que admitir que ele era muito atraente.

Pedro – Então, esse gigolô com certeza é o culpado de estarmos encalhados aqui.

Cristina (*cantando e dançando*) – Beije-me, beije-me muito... Ah, agora lembro, era o que a banda estava tocando antes do navio afundar.

Pedro – Lembra-se do momento do naufrágio?

Cristina – Não... Só me lembro de estar nos braços do capitão e ele me fazia dançar. Ainda sinto meu coração acelerar quando revivo isso... E logo depois, estava toda molhada.

Pedro – Beije-me muito... Ah, beijar, eu não sei, mas nos ferrar... Maldito capitão...

Cristina – Por favor, não precisa ser vulgar...

Pedro – Se em vez de se exibir na festa do capitão, esse desgraçado tivesse ficado no comando, como deveria, não estaríamos nessa situação...

Cristina – Como se costuma dizer... O capitão é o único Senhor a bordo depois de Deus...

Pedro pega um boné de capitão da areia.

Pedro – Parece que Deus morreu...

Ele coloca o boné. Ela olha para ele, horrorizada.

Cristina – Não...

Pedro – Pelo menos, ele nos deixou seu boné. Porque com esse calor...

Cristina – É horrível... Você acha que minha mãe também morreu?

Pedro – Não sei... Ela sabia nadar?

Cristina – Não...

Pedro – Bem, a menos que tenha ocorrido um milagre...

Cristina – E sua esposa, sabia nadar?

Pedro – Em uma piscina, sim... De qualquer forma, em caso de naufrágio... depois de algumas horas, saber nadar não adianta muito.

Cristina – Então, a essa altura, você provavelmente é viúvo.

Pedro – Sim... E você, órfã.

Cristina – Parece que você está lidando com isso filosoficamente... Bem, como disse Jean Cocteau, o pior nunca é certo...

Pedro – O melhor também não, eu diria...

Cristina – Você se importaria de tirar esse boné?

Pedro – Por quê?

Cristina – Não sei... Acho que é inapropriado... Se esse pobre homem afundou com seu navio.

Pedro – Tudo bem... Se preferir pegar uma insolação...

Ele tira o boné.

Cristina – Meu Deus...! E pensar que fui eu quem convidou minha mãe para este cruzeiro... Era o presente de aniversário dela...

Cristina está prestes a chorar.

Pedro – Por favor, não comece a chorar... Além disso, nunca se sabe... Talvez só nós dois tenhamos caído do barco, enquanto todos os outros continuam tranquilamente o cruzeiro, se perguntando onde estamos...

Cristina espera de novo.

Cristina – A menos que todos estejam em outra ilha como esta.

Pedro – Ou em um bote salva-vidas prestes a afundar.

Cristina – É terrível. Só de pensar... meu estômago dói.

Pedro – O meu também... Deve ser porque não como nada desde ontem.

Ele se agacha para pegar algo discretamente na areia sob uma das duas palmeiras.

Cristina – Você acredita no destino?

Pedro – Destino?

Cristina – Encontrou alguma coisa?

Pedro – Um Bounty.

Cristina – Um Bounty? O que é isso?

Pedro – Uma barra de chocolate recheada de coco.

Cristina – Então, será tudo o que nos resta para sobreviver enquanto esperamos o resgate. Uma barrinha de chocolate para dois.

Pedro – Para dois?

Cristina – Vamos compartilhar, certo?

Pedro – Fui eu quem encontrou... *(Ela o olha com raiva.)* Ok, vamos compartilhar...

Cristina – Talvez seja melhor guardá-la para quando estivermos com fome.

Pedro – Eu já estou com fome.

Ele desembulha a barra de chocolate, a divide ao meio, dá metade a ela e come a outra metade.

Pedro – Caramba, que delícia!

Ela o olha desaprovando antes de decidir comer sua parte.

Cristina – Se um dia nos encontrarem, nos chamarão de Os Sobreviventes do Bounty.

Ele a olha sem entender.

Cristina – Você também não conhece isso?

Pedro – O que?

Cristina – O filme! Os Sobreviventes do Bounty!

Pedro – Um filme?

Cristina – Se tivermos que passar muito tempo juntos nesta ilha, estou me perguntando sobre o que vamos conversar...

Pedro – Ninguém pediu para você falar.

Ela fica quieta.

Pedro – Além disso, o título do filme não é Os Sobreviventes do Bounty, mas sim Os Amotinados do Bounty...

Cristina – Pelo menos você vai ao cinema de vez em quando...

Pedro – Sim... O navio afunda, eles se refugiam em um bote e acabam se comendo.

Cristina – Você está confundindo com A Jangada de Medusa...

Ele a olha irritado, mas não responde.

Cristina – É tudo meio nebuloso, não é?

Pedro – Nebuloso? O quê? Essa história de naufrágio?

Cristina – Estou falando do clima! Está nublado, não está?

Pedro – Mesmo quando está nublado, hoje em dia, com radares, dá para evitar recifes.

Cristina – O que quero dizer é que se houver uma costa por aqui, talvez não a vejamos.

Pedro – Não sei... Perdi meus óculos neste naufrágio...

Cristina – Eu também...

Pedro – Então, talvez não seja por causa da névoa que não estamos vendo muito bem...

Silêncio.

Cristina – Vou dar a volta na ilha para verificar.

Pedro – Tudo bem.

Cristina – Você me acompanha?

Pedro – Mesmo sem óculos, você não pode se perder nesta ilhota. Por que eu deveria ir também?

Cristina – Bem... Para me fazer companhia...

Pedro – Há pouco você estava dizendo que eu não tinha assunto... Você está com medo, não está?

Cristina – Não, de jeito nenhum!

Pedro – Bem... Ainda assim, você precisa de mim, mesmo que não queira admitir.

Cristina – Ok, fique aqui, vou sozinha...

Cristina desaparece atrás da rocha.

Pedro – Ficar aqui... E para onde você quer que eu vá?

Ele vê algo no chão novamente. Pega outro Bounty e come. Cristina volta com uma mala.

Pedro – Vai viajar?

Cristina – Muito engraçado...

Pedro – O que é isso?

Cristina – Você está vendo... Uma mala.

Pedro – Claro. Mesmo sem óculos, vejo que é uma mala.

Cristina – Encontrei lá do outro lado. Você não viu quando estava dando voltas?

Pedro – Talvez tenha sido trazida pelas ondas. De qualquer forma, não é a minha. Imagino que também não seja a sua.

Cristina – Infelizmente não... O que fazemos?

Pedro – O que quer dizer, o que fazemos?

Cristina – Abrimos ou não?

Pedro – Por que não?

Cristina – Porque não nos pertence.

Pedro – E daí?

Cristina – Eu não gostaria que um estranho mexesse na minha mala.

Pedro – Neste momento, a pessoa a quem pertence esta mala provavelmente está no fundo do oceano, servindo de comida para tubarões, então...

Cristina – Você acha?

Pedro – O mais provável é que sejam apenas roupas e uma escova de dentes, mas quem sabe...

Cristina – Roupas limpas e uma escova de dentes seriam muito bem-vindas para mim.

Pedro – Bem... Eu preferiria algo para comer.

Cristina – Então você só pensa em comer, não é?

Pedro – Caramba! De uma vez, você vai abrir esta mala ou não? E vamos acabar com isso...

Cristina – Tudo bem, eu abro... (*Pára*) Mas por que eu?

Pedro – Por que não?

Cristina – Não sei... Como você disse "e vamos acabar com isso"...

Pedro – E daí?

Cristina – E se for uma mala-bomba.

Pedro – Há pouco você me acusava de tê-la drogado e sequestrado. Agora você acha que é uma mala-bomba. Você é bastante paranóica, para ser sincera...

Cristina – Desconfio do ser humano em geral, e dos homens em particular.

Pedro – Agora eu entendo tudo... Você está certa. Uns terroristas nos deixaram nesta ilha com esta mala-bomba para que explodamos ao tentar abri-la.

Cristina – Pode ser...

Pedro – Por que em uma ilha deserta?

Cristina – Não sei... Como para testes de bombas nucleares... Para evitar danos colaterais...

Pedro – Parece um pouco retorcido, não?

Cristina – Os terroristas são pessoas muito retorcidas...

Pedro – Uma mala-bomba...

Cristina – Então anime-se! Abra-a!

Pedro – Bem... Eu abro.

Ele se prepara para abrir a mala, um pouco assustado. Mas não consegue.

Cristina – O que está acontecendo?

Pedro – Está trancada.

Cristina – Deixe-me ver isso.

Ela tira um grampo do cabelo, o torce e força a fechadura. Ele a olha surpreso. Ela abre a mala.

Cristina – Pronto.

Pedro – É como se você fizesse isso o tempo todo...

Cristina – Minha mãe me ensinou como fazer isso.

Pedro – Não me diga. É engraçado. Eu a imaginava mais tricotando do que arrombando fechaduras...

Cristina – Você pode fazer muitas coisas com agulhas de tricô... além de tricotar. Eu sempre carrego uma na bolsa...

Ele a olha, preocupado.

Pedro – Vamos lá... o que tem dentro desta mala?

Cristina olha dentro da mala.

Cristina – Você não vai acreditar...

Pedro – O quê?

Como ela não responde, ele se aproxima e olha.

Pedro – Não...

Cristina – Uma mala cheia de dinheiro!

Pedro – Incrível!

Cristina – Há dinheiro suficiente aqui para pagar a dívida da Grécia.

Pedro – É uma bolada, com certeza.

Cristina – Deve ser do navio.

Pedro – Quem sai em um cruzeiro com uma mala cheia de dinheiro?

Cristina – Principalmente quando se trata de um pacote com tudo incluído.

Pedro – Exceto pela loja duty free.

Cristina – No entanto, não consigo imaginar alguém levando uma mala cheia de dinheiro apenas para fazer compras na loja duty free...

Pedro – Bem... Vamos compartilhar?

Cristina – Eu fui quem encontrou...

Pedro – E eu lhe dei metade do meu chocolate.

Cristina – De qualquer forma, o que poderíamos fazer com tanto dinheiro em uma ilha? Você vê alguma loja duty free por aqui?

Pedro – Bem, não...

Cristina – Em uma ilha deserta, notas de 500 euros... não valem mais do que dinheiro de Monopólio.

Pedro – Você está certa... Eu preferiria que essa mala estivesse cheia de comida.

Cristina – Como em A Grande Roubada.

Pedro – O quê?

Cristina – A Grande Roubada... Aquele famoso filme francês com Bourvil e Gabin... Você também não conhece?

Pedro – Se vamos passar juntos os anos que nos restam, você terá que parar com essas citações inúteis. Eu não fui muito à escola, mas não me tome por bobo, está bem?

Cristina – Está bem. Desculpe...

Silêncio.

Cristina – Talvez seja dinheiro sujo.

Pedro – Claro que é dinheiro sujo! O que você pensava? Que era dinheiro de bolso?

Cristina – Consigo imaginar o que pode ter acontecido...

Pedro – Acho que você assiste a filmes demais...

Cristina – Essas notas estavam destinadas a pagar uma entrega de drogas. A troca deveria acontecer neste navio...

Pedro – Você está certa. Um cruzeiro para idosos é o lugar ideal para tráfico de drogas.

Cristina – Para idosos? Muito obrigada, você é um cavalheiro...

Pedro – Eu estava falando da sua mãe. Tem que admitir que cruzeiros atraem principalmente idosos como clientes. E todos aqueles idosos tinham cara de estar cheirando cocaína?

Cristina – Meu Deus! E se esses traficantes quiserem recuperar a mala?

Pedro – Pare com isso... Não invente histórias sem sentido.

Cristina – Se você tem uma explicação melhor, estou ouvindo.

Pedro – Como eu vou saber... Algum dentista ou advogado queria esconder suas economias em um paraíso fiscal durante uma escala (*Cristina fecha a mala.*) O que está fazendo?

Cristina – Este dinheiro não nos pertence. Vamos devolvê-lo ao dono, se conseguirmos sair daqui algum dia.

Pedro – E se todos os passageiros estiverem mortos? Incluindo o dono desta mala...

Cristina – Então a deixaremos no Achados e Perdidos, e se depois de um ano ninguém vier buscar, será oficialmente nossa.

Pedro – Você está brincando, certo?

Cristina – E o que você sugere? Vamos subir nesta mala como uma balsa e remar até o paraíso fiscal mais próximo?

Pedro – A equipe de resgate vai nos encontrar eventualmente...

Cristina – Claro... E se algum dia nos encontrarem? Vamos entrar no helicóptero da polícia com essa mala cheia de dinheiro?

Pedro – Eu não sei... Podemos enterrá-la e voltar depois para buscá-la...

Cristina – Enterrá-la?

Pedro – É, enterrá-la. Como em A Ilha do Tesouro. Você vê? Eu também li livros quando era criança...

Cristina – Lembro que você terá que enterrar sua esposa se os tubarões não a devorarem primeiro. E eu terei que enterrar minha mãe...

Pedro – Sua mãe...

Cristina – O que tem a minha mãe?

Pedro – Bem, eu não sei... Ela a sufocava um pouco, não é?

Cristina – Minha mãe... Você nem a conhece!

Pedro – Você tem que admitir que fazer um cruzeiro com sua mãe... Com a sua idade...

Cristina – E que idade você acha que eu tenho?

Pedro – Nunca me arriesgo a adivinhar a idade de uma mulher. Mas seja o que for, se não nos encontrarem rapidamente, temo que nunca chegaremos a ficar velhos.

Cristina suspira.

Cristina – Quanto tempo poderemos sobreviver assim?

Pedro – Não sei...

Cristina – Bem, podemos passar alguns dias sem comer... Um pouco de dieta de vez em quando não faz mal...

Pedro – Você está certa... Basta dizer que começamos o Ramadã hoje...

Cristina – Por favor... Eu detesto piadas xenófobas.

Pedro – Em último caso, um de nós pode comer o outro para sobreviver um pouco mais...

Cristina (*inquieta*) – Isso também é uma piada ou você está falando sério...?

Pedro – O que é certo é que não podemos ficar sem beber por mais de um dia ou dois. Especialmente com esse calor. Como eu adoraria uma cerveja gelada agora.

Cristina – Precisamos entrar em contato com alguém... Eu não encontro meu celular... Você ainda tem o seu?

Pedro – Aqui tem um. Eu achei que fosse o seu. (*Pega o celular*) Não há sinal...

Cristina – Podemos acender uma fogueira para sinalizar nossa presença nesta ilha deserta.

Pedro – Sim... Se tivéssemos madeira e fósforos...

Cristina – Me dê esse celular. Talvez haja melhor cobertura do outro lado.

Ela desaparece atrás das rochas. Ele vê algo na areia e pega. É uma lata de cerveja. Ele a abre e bebe. Ela volta com um guarda-sol dobrado. Ele esconde a lata rapidamente.

Pedro – E então?

Cristina – Não há cobertura naquele lado também. Mas encontrei este guarda-sol. Tem duas espreguiçadeiras também.

Pedro – Provavelmente as correntes trouxeram até aqui.

Cristina – Sim... Ou a maré...

Ele desaparece atrás das rochas. Ela abre o guarda-sol e o instala. Ele volta com as espreguiçadeiras e as instala também. Eles se sentam debaixo do guarda-sol.

Pedro – Agora me sinto como se estivesse de férias...

Cristina – Estamos apenas sem nada para beber...

Ele dá um gole na cerveja. Ela o olha com inveja.

Pedro – Procure na areia.

Ela procura na areia e encontra uma lata de Coca-Cola. Ela se senta novamente e bebe com evidente satisfação.

Pedro – Aparentemente, no Costa Mucho, mesmo em caso de naufrágio, está tudo incluído.

Cristina – Tudo isso está ficando cada vez mais estranho.

Pedro – Você acha, Cristina?

Cristina – Como você sabe que meu nome é Cristina?

Pedro – Não sei. Você tem cara de se chamar Cristina. Como você se chama?

Cristina – Cristina.

Pedro – O que estava dizendo.

Cristina – Então agora, chamamos-nos pelos nossos nomes?

Pedro – Se estamos condenados a passar o resto de nossas vidas juntos nesta ilha, acabaremos desenvolvendo um certo grau de intimidade, não?

Cristina – Um certo grau de intimidade? O que você quer dizer com isso?

Pedro – Quero dizer que não teremos muitas opções, certo?

Cristina – Estamos falando sobre amor ou sobre um menu de restaurante?

Pedro – Bem... Pelo menos eu estava fazendo um cruzeiro com minha esposa, não com minha mãe...

Cristina – Então, me coloque à prova... e vou lhe mostrar o que pode ser feito com uma agulha de tricô...

O celular toca. Ambos ficam petrificados de surpresa.

Pedro – Atenda!

Ela pega o celular.

Cristina – Alô... A mala... Não, desculpe, eu não estava ouvindo o rádio... Não, não, está tudo bem, não se preocupe... Sim, obrigada... A você...

Ela fica por um momento como que petrificada, com o celular na mão. Pedro a olha com ar de consternação.

Pedro – E então?

Cristina – Eles perguntaram se eu sabia exatamente quanto dinheiro estava na mala.

Pedro – A mala?

Pedro – Que mala?

Cristina – Esta, imagino.

Pedro – É uma piada, certo?

Cristina – É um concurso de rádio, você não conhece?

Pedro (*irônico*) – E você sim... professora.

Cristina – É sobre uma mala com dinheiro. Toda manhã, o apresentador de rádio anuncia quanto dinheiro há dentro. Eles ligam para um ouvinte aleatório e perguntam se ele sabe ou não.

Pedro – Se sabe o quê?

Cristina – Quanto dinheiro está na mala!

Pedro – E...?

Cristina – Se ele souber, fica com o dinheiro. Se não souber, eles colocam mais dinheiro na mala.

Pedro – E o que você disse?

Cristina – Eu disse que não sabia... porque não estava ouvindo rádio.

Pedro – Nos ligam de uma rádio, com milhões de pessoas ouvindo, e você não aproveita para contar que sofremos um naufrágio e estamos presos nesta ilha no meio do Mediterrâneo?

Cristina – Eu entendo o que você quer dizer... Desculpe, fiquei surpresa. É que toda manhã eu escuto esse jogo no rádio. E não esperava que um dia eles me ligassem. Justo hoje que não tinha escutado... Vou ligar de volta para eles imediatamente...

Pedro – Me dê esse celular, eu ligo...

Ele pega o celular.

Pedro – Droga! Não há sinal...

Cristina – É incrível... Veja... Faltou pouco para a mala cheia de dinheiro ser minha...

Pedro – Mas essa mala está bem aqui! Se quiser saber quanto dinheiro tem dentro, é só contar as notas!

Cristina – Você tem razão, é estranho. Normalmente, eles enviam o dinheiro para o vencedor apenas depois de responder corretamente à pergunta. É muito estranho, não é?

Pedro – Sim...

Eles ficam em silêncio por alguns momentos.

Pedro – Sabe de uma coisa?

Cristina – O quê?

Pedro – Estou me perguntando se minha esposa não está me traindo.

Cristina – E por que você está me dizendo isso agora?

Pedro – Não sei... Neste momento, a sinto um pouco... distante.

Cristina – Não, quer dizer, por que você está me dizendo isso a mim, agora?

Pedro – Bem, a quem mais eu deveria contar? Não há mais ninguém nesta ilha...

Cristina – Você não percebe a situação em que estamos? Se você é corno ou não, você acha que isso realmente importa agora?

Pedro – Só estava falando, nada mais... Se já não podemos falar de nada...

Silêncio.

Pedro – Tudo bem, então, estou ouvindo você. Sobre o que você quer falar?

Cristina – Bem... Precisamos nos organizar um pouco.

Pedro – Organizar?

Cristina – Para sobreviver sozinhos, sem nenhum suporte ou ajuda. Você já leu Robinson Crusoe?

Pedro – Outra vez...

Cristina – Desculpa... Você sabe pescar?

Pedro – Com uma vara de pesca, sim.

Cristina – Aparentemente, as correntes trazem muitas coisas até aqui. Talvez tragam também uma vara de pesca de última geração.

Pedro – Ou melhor ainda, de vez em quando uma lata de sardinhas em azeite ou atum em molho de tomate...

Silêncio.

Cristina – Se você pensar bem, esta ilha é nossa.

Pedro – Você acha?

Cristina – Se não estiver em nenhum mapa e estiver em águas internacionais, então... pertence a quem a descobre. Como a América.

Pedro – Você está certa... E como também não havia ninguém aqui quando chegamos, nunca teremos que pedir desculpas aos nativos por tê-los exterminado.

Cristina – De um ponto de vista estritamente jurídico, acho que já podemos declarar nossa independência e criar um estado.

Pedro – É pequeno para um país, não acha?

Cristina – Grande o suficiente para ser um paraíso fiscal.

Pedro – Bem, faz sentido... (*Apontando para a mala*) E já temos dinheiro para depositar no nosso próprio banco.

Cristina – Se quiserem nos prender por roubar esse dinheiro, basta dizer que nosso estado não tem acordos de extradição.

Pedro – Imagine se toda essa grana pertencer aos passageiros que pagaram uma fortuna para embarcar naquele maldito navio...

Cristina – Bem chamado de "Costa Mucho"... Eles poderiam ter chamado de "Custa uma Fortuna". Enfim, você está certo, e seria justo que esse dinheiro nos fosse devolvido, já que somos os únicos sobreviventes e os dignos representantes de todos os passageiros falecidos.

Silêncio.

Pedro – Acho que estamos afundando...

Cristina – Claro que estamos! Se sofremos um naufrágio...

Pedro – Não, quero dizer agora. Estamos nos afundando.

Cristina – Você acha?

Pedro – Não sei... Parece que a praia estava um pouco mais larga há um tempo atrás...

Cristina – Talvez seja devido ao aquecimento global.

Pedro – Ou à maré... No final, talvez seja verdade que no Mediterrâneo também há maré, mesmo que seja pequena...

Cristina – Está começando a escurecer, não está?

Pedro – Sim... A noite vai cair.

Cristina – Como vamos fazer para dormir?

Pedro – Como...?

Cristina – Em qual lado você prefere dormir?

Pedro – Nós não temos uma cama!

Cristina – Em qual lado da ilha!

Pedro – É melhor dormir juntos, não acha?

Cristina – Dormir juntos?

Pedro – Quero dizer... não nos separarmos.

Cristina – Tudo bem...

Pedro – Olha... começamos com o pé esquerdo. Se ficarmos presos aqui por muito tempo, é melhor ver o lado positivo, certo?

Cristina – Bem, não vamos nos deitar tão cedo de qualquer maneira. Você já está com sono?

Pedro – Ainda não. Então, vamos admirar este lindo pôr do sol...

Ele se senta ao lado dela.

Cristina – Está flertando comigo?

Pedro – De jeito nenhum!

Cristina – Desculpe. Estava confusa.

Pedro – Não acredite em tudo que vê. Parece muito com o que deseja.

Cristina – De quem é essa citação? Eu não a conhecia...

Pedro – Bem... Eu não sabia que era uma citação...

Cristina – "O que deseja..."? Meu Deus! Você se acha um Don Juan?

Pedro – E você? Uma femme fatale, talvez?

Cristina – Bem... Concordamos em não brigar mais um pouco atrás, certo?

Pedro – Sim...

Cristina – Aliás, nem sei seu nome.

Pedro – Pedro.

Cristina – Pedro? Sim, você parece um Pedro...

Pedro – Não sou exatamente um Don Juan, eu sei.

Cristina – Também não precisa se menosprezar. Você não é nada mal.

Pedro – Sério?

Cristina – Não se empolgue muito... Eu só disse para ser gentil...

Pedro (*desapontado*) – Sim, claro...

Cristina – Bem, vou dormir. Talvez, quando acordarmos amanhã, percebamos que tudo isso foi apenas um pesadelo...

Pedro – Talvez, quem sabe...

Eles se deitam na areia e adormecem. O celular toca. Eles não ouvem. Um ruído crescente de uma multidão em um espaço fechado, como uma estação, é ouvido. O barulho diminui à medida que a luz diminui. Apagão.

Dia 2

A luz retorna. Pedro e Cristina acordam. Eles se olham e olham ao redor.

Pedro – Parece que não era um pesadelo.

Cristina – A menos que o pesadelo continue... (*Silêncio*) Quais eram seus sonhos quando criança?

Pedro – Meus sonhos?

Cristina – Que profissão você sonhava em ter, por exemplo?

Pedro – Sonhava em ser caminhoneiro.

Cristina – Entendi... Então você é um homem feliz...

Pedro – Você acha que não coloquei a fasquia alta o suficiente, é isso?

Cristina – Não sei. Talvez você esteja certo. É divertido dirigir um caminhão?

Pedro – Por quê? Você planeja tirar sua carteira de caminhoneiro?

Cristina – Desculpe, não quis ofendê-lo. Além disso, você sabe, ser professora de literatura em um subúrbio de uma cidade industrial, nos dias de hoje... Às vezes parece que você está dirigindo um caminhão carregado de nitroglicerina por estradas cheias de pedras...

Pedro – "O Salário do Medo"... Outro filme francês muito famoso...

Cristina – E você gosta do seu trabalho? Quero dizer... corresponde à ideia que você tinha quando era criança sobre essa profissão...

Pedro – Pelo menos, não tenho alguém em cima de mim o tempo todo. Na estrada, você está sozinho. Tranquilo. Não pensa em nada.

Cristina – Você viaja muito?

Pedro – Viajo o tempo todo. Para todos os lugares.

Cristina – Então você deve conhecer muitos países. Mais do que eu, pelo menos. Porque fora da Grécia, na verdade...

Pedro – Sim, conheço muitos países. Bem, as estações de serviço, principalmente...

Ela pega algo do chão.

Cristina – Compartilhamos esta barra de chocolate?

Pedro – Onde você encontrou isso?

Cristina – Embaixo da palmeira, ali.

Pedro olha sob a outra palmeira.

Pedro – Também tem uma debaixo da minha...

Ele pega. Cada um come sua barra de chocolate em silêncio, parecendo pensativo.

Cristina – Como será que essas barras de chocolate chegaram aqui?

Pedro – Talvez o Papai Noel. Como ele não encontrou uma árvore de Natal, deixou-as embaixo destas palmeiras.

Cristina – A menos que tenham caído das palmeiras.

Pedro – Pode ser... Duas palmeiras geneticamente modificadas para produzir barras de chocolate recheadas de coco...

Cristina – Quem sabe? Já não me surpreendo com nada desde que chegamos aqui.

Eles terminam de comer as barras de chocolate.

Cristina – Você dormiu bem?

Pedro – Como uma pedra. E você?

Cristina – Eu tive dificuldade em pegar no sono.

Pedro – Então, deveria ter contado ovelhas.

Cristina – Como não encontrei ovelhas, contei as notas na mala.

Pedro – Ah sim?

Cristina – Então, se nos ligarem novamente, saberei dizer a quantia exata.

Pedro – Mas já temos a mala!

Cristina – Sim, mas assim provamos oficialmente que ela é realmente nossa.

Pedro – No meu caminhão, costumava ouvir esse programa também.

Cristina – Ah sim?

Pedro – Sempre soube exatamente quanto havia na mala, até o último centavo. Uma vez eles me ligaram. Eu tinha acabado de pegar uma carona e tinha desligado o rádio... E, claro, perdi a chance de ficar rico...

Cristina – Mas a chance de ter um encontro romântico não, né? Espero que tenha valido a pena...

Pedro – Isso sim... Ela se chamava Isabel, e seis meses depois nós nos casamos.

Cristina – Tudo muito romântico...

Pedro – Você acha?

Cristina – Bem, pelo que vemos nos filmes, é muito raro um encontro entre um caminhoneiro e uma caroneira acabar em casamento...

Pedro – Não sei que tipo de filmes você costuma assistir.

Silêncio.

Cristina – Quando eu era criança, eu era uma princesa. Pelo menos, era o que minha mãe me dizia. Quando percebi que não podia ganhar a vida assim, me contentei em ser professora.

Pedro – E por que professora...?

Cristina – Foi a única maneira que encontrei de não ser expulsa da escola.

Ele vê algo na areia.

Pedro – Olha só, o que é isso?

Cristina – Uma garrafa... Vazia, infelizmente...

Pedro pega a garrafa.

Pedro – Não completamente vazia. Olha, tem um pedaço de papel dentro.

Cristina (*aproximando-se*) – Incrível... Você acha que pode ser uma mensagem?

Pedro – Uma mensagem para nós, quer dizer?

Cristina – Somos nós que teríamos que lançar garrafas ao mar pedindo socorro. Acho que não vamos receber correio aqui...

Ele pega a garrafa e retira o pedaço de papel.

Cristina – E então?

Pedro (*lendo*) – "Meu nome é Cristina e sou aluna do Colégio da Imaculada Conceição de Santa Maria da Feira, em Portugal. Se encontrar esta mensagem, obrigada por enviá-la de volta para este endereço..."

Cristina – Rua do Mar, número 43, térreo.

Pedro – Como você sabe disso?

Cristina – Fui eu quem escreveu essa mensagem. Lembro-me muito bem. Deve ter sido quando eu tinha dezesseis anos.

Pedro – Incrível!

Cristina – Eu esperava que algum príncipe encantado encontrasse esse pedido de socorro, me enviasse uma foto dele e acabasse pedindo minha mão...

Pedro – Então você já estava um pouco desesperada na adolescência...

Cristina – Obrigada por me lembrar disso.

Pedro – Desculpa, não era essa minha intenção...

Cristina – Não se preocupe, você está certo. É que, na minha idade, fazer um cruzeiro com a sua mãe... Infelizmente, todos esses anos ninguém encontrou essa garrafa que joguei no mar. E hoje o mar me devolve na cara como um bumerangue...

Pedro – Não exatamente...

Cristina – Não?

Pedro – Sou eu quem encontrou.

Cristina – Sem ofensa, mas você não se parece em nada com o Príncipe Encantado com quem eu sonhava naquela época.

Pedro – Eu imagino...

Cristina – Além disso, meu Príncipe Encantado não era casado. Muito menos com uma Isabel...

Pedro – Na verdade, pouco antes dessa tal Festa do Capitão, minha esposa me disse que queria se divorciar.

Cristina – Após tê-lo levado em um cruzeiro para celebrar o aniversário de casamento de vocês?

Pedro – Ela queria um grande final para a nossa história. Pelo menos, foi o que ela me disse.

Cristina – Talvez ela tenha se apaixonado pelo capitão...

Pedro – Sim... Confesso que, quando acordei aqui, minha primeira suspeita foi que ela me jogou por sobre a borda.

Cristina – Sinto muito, de verdade. Mas como diz o ditado, "há muitos peixes no mar"...

Pedro – Sim...

Ambos olham para o mar. A luz diminui.

Cristina – Eu também me perguntei se não foi minha mãe quem me jogou no mar...

Pedro – Talvez ela também quisesse um grande final para a história de vocês...

Apagão.

Outro dia...

A luz volta. Uma bandeira está estendida entre as duas palmeiras: República Autônoma de Costa POCO.

Pedro – Acho que vai ser um dia bonito.

Cristina – Sim...

Pedro – Você está mais bronzeada, não está?

Cristina – Você também. Fica bem em você...

Pedro – Obrigado.

Ele olha para a bandeira.

Pedro – Sem meus óculos, não consigo ler o que você escreveu nesta bandeira. É um pedido de socorro?

Cristina – Mais uma declaração de independência.

Pedro (*tentando ler*) – República Autônoma de Costa POCO...

Cristina – Chega de jogar garrafas no mar! Decidi tomar as rédeas do meu destino.

Pedro – Tudo bem, mas... República? Tem certeza?

Cristina – Preferiria uma monarquia?

Pedro – Então você teria que ser minha rainha.

Cristina – República, então.

Pedro – Bom, mas quem será o presidente? Se os dois somos candidatos e eleitores ao mesmo tempo...

Cristina – A menos que eu consiga convencer você a votar em mim...

Pedro – Meu coração já a escolheu... Se você também pretende convocar um plebiscito... Isso vai acabar em ditadura...

Cristina – Está bem, exerceremos o poder por turnos.

Pedro – Assim vai parecer mais com um casamento... Mas... e se não conseguirmos chegar a um acordo sobre um programa comum?

Cristina – Sempre podemos nos separar.

Pedro – Então teremos que encontrar novos nomes para nossos dois países.

Cristina – Costa POCO do Norte e Costa POCO do Sul?

Silêncio.

Pedro – Estamos ficando loucos, ou o quê?

Cristina – Ou talvez seja o início da sabedoria...

Silêncio.

Pedro – E agora, o que fazemos?

Cristina – Basta considerar que estamos de férias para sempre...

Pedro – De férias?

Cristina – Afinal, estamos muito bem aqui, não é? Há milionários que pagam fortunas para comprar uma ilha assim e viver nela pelo resto de suas vidas.

Pedro – Você tem razão. Não estamos nada mal aqui nesta República de Costa Poco.

Cristina – O mar, a praia...

Pedro – As barras de chocolate que caem diretamente da árvore... ou do céu.

Cristina – Sempre bom tempo.

Pedro – Sem a necessidade de trabalhar.

Cristina – Com mais dinheiro do que podemos gastar.

Pedro – Sim... Embora não possamos comprar nada...

Cristina – Sem impostos.

Pedro – Sem leis.

Cristina – O paraíso.

Silêncio.

Pedro – Você acha que já estamos mortos?

Cristina – Quem sabe...

Pedro – Nunca imaginei terminar no paraíso depois de morrer...

Cristina – Muito menos em um paraíso fiscal...

Silêncio.

Pedro – É estranho, eu tendo a esquecer o que aconteceu antes.

Cristina – Antes de quê?

Pedro – Antes de chegarmos aqui.

Cristina – O que poderia ter acontecido conosco?

Pedro – A vida é um naufrágio.

Cristina – Afinal, se você não tem futuro, é melhor esquecer o passado, não é?

Pedro – Acho que eu era casado. Com uma mulher.

Cristina – É bom você ter esclarecido isso.

Pedro – Não consigo me lembrar do nome dela.

Cristina – Isabel.

Pedro – Isso mesmo. Você se lembra?

Cristina – Isabel. É um nome que não se esquece.

Pedro – E você? Tinha uma mãe, não é?

Cristina – Todo mundo tem uma mãe.

Pedro – Suponho que sim...

Cristina – Quer mais uma barra de chocolate?

Pedro – Com prazer.

Eles comem cada um a sua barra de chocolate.

Cristina – É estranho.

Pedro – O quê?

Cristina – Eu contei o dinheiro da mala de novo.

Pedro – E daí?

Cristina – A cada dia, há mais 500 euros.

Pedro – Ah, é?

Cristina – Será que são juros?

Pedro – É assim que o jogo funciona, não é? Enquanto ninguém acertar quanto dinheiro tem, eles vão acrescentando mais notas à mala.

Cristina – De qualquer forma, eles nunca mais nos ligaram.

Silêncio.

Pedro – Vai fazer uma soneca comigo, Isabel?

Cristina – Isabel? Não me chamava de Cristina antes?

Pedro – Isso me surpreenderia.

Cristina – Por quê?

Pedro – Cristina, é um nome que não se esquece.

Silêncio.

Cristina – Não me lembro bem... Estamos aqui de férias ou...

Pedro – Aposentados, talvez?

Cristina – Aposentados? Será que somos tão velhos assim?

Pedro – Já faz muito tempo que estamos aqui, não é?

Cristina – Que idade teremos?

Pedro – Seja qual for, você parece mais jovem do que é.

Cristina – Obrigada.

Pedro – Sabe o que eu penso?

Cristina – É melhor não saber e, assim, preservar um pouco de mistério...

Pedro – Fomos feitos para nos encontrar.

Cristina – De qualquer forma, tenho certeza de que não encontraremos mais ninguém...

Pedro – E nunca nos separaremos.

Cristina – Claro que não... Se nos separássemos, não teríamos para onde ir.

Pedro – Então, só nos resta uma coisa a fazer.

Cristina – Você está me assustando, Pedro...

Ele coloca novamente o chapéu de capitão e estende a mão para convidá-la. Música: "Bésame Mucho".

Pedro – Dançar!

Ela hesita um pouco antes de pegar-lhe na mão.

Cristina – Se não tiver outra opção...

Começam a dançar um tango cada vez com mais paixão.

Cristina – Você dança muito bem, Capitão... Sabe como acelerar meu coração... e meu estômago.

Pedro – No tango, a mulher seduz e o homem conduz.

Cristina – Amanhã eu conduzo...

Continuam a dançar. A luz diminui, assim como a música.

Apagão.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Rei dos idiotas
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-000-1

Documento para download gratuito